

A IMPORTÂNCIA DA INCLUSÃO DA LIBRAS NO CONTEXTO ESCOLAR

Oliveira, Adriane Silva de Abreu - adrianeabreu_24@hotmail.com¹
Abreu, Cristiana Silva de - crisdex_spz@hotmail.com²
Silva, Devail Aparecida da - devailsalobra25@gmail.com³
Silva, Jucilene Serrão da - juserrao2011@hotmail.com⁴
Oliveira, Neuzenir Silva de Abreu - neuzenir_abreu@hotmail.com⁵
Lopes, Rafael de Abreu - rafaelabreu_lopes17@hotmail.com⁶
Oliveira, Santino de - santinogeo@hotmail.com⁷

RESUMO

Essa pesquisa trata-se da inclusão da Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) dentro do contexto escolar visto que, é de muita relevância que as escolas estejam preparadas para receber a comunidade surdas para oferecimento do aprendizado a esses indivíduos. Para que haja uma educação de qualidade vale ressaltar que a formação do docente em Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) é muito importante para a transmissão do conhecimento para esses alunos surdos. Pois uma educação de qualidade e pode contribuir significativamente na inclusão dos educando, e possibilitar uma prática para o desenvolvimento da cidadania plena. A pesquisa foi aplicada por meio de abordagem qualitativa, recurso este que contribuiu para nortear as hipóteses levantadas inicialmente. A pesquisa evidenciou que as escolas não estão preparadas para atender as necessidades da comunidade surda, devido à pouca qualificações dos docentes e a falta de material pedagógico direcionado a este público em particular. Esse trabalho poderá prosseguir, visando as prováveis averiguações propondo uma orientação mais crucial em relação ao tema pesquisado pois foi mostrado que a pesquisa relatou só algumas dúvidas que se converteram em problemas, e tornaram-se em respostas, e a partir das mesmas podem se tornar objetos de outros estudos, já que o conhecimento não é improgressivo. Diante do exposto nos permite concluir que existem desafios a superar uma vez que, professores, escolas estão em posições privilegiados de ensinar e construir para uma consciência que resulte para uma cidadania de fato, e evidentemente contribuir para uma sociedade mais igualitária.

PALAVRAS-CHAVE: Libras, Inclusão, Formação e Escola.

INTRODUÇÃO

Durante muitos anos uma pessoa que tinha alguma deficiência era extremamente discriminada e em alguns períodos da história, uma criança que nascia com alguma

deficiência, ou seja, que não fosse considerada perfeita era abandonadas e mortas sem nenhum direito de fazerem a escolha pela vida. Felizmente, muitos anos já passaram e mudanças significativas ocorreram no percurso da história.

Com o passar dos anos, com muitas lutas foram criadas várias legislações que garantem direitos de igualdade para todos aqueles que durante décadas eram considerados os excluídos da sociedade. Atualmente percebemos que a legislação proporcionou que a inclusão aconteça de maneira mais harmônica na sociedade e que a deficiência seja ela visual, auditiva, motora e outras não faça com que essas pessoas continuem passando por preconceitos e discriminação. Todavia, nem sempre todas as pessoas estão preparadas para conviver e aceitar o diferente.

É notável que a inclusão de LIBRAS vem passando por grandes dificuldades ainda nos dias atuais que por muitas vezes aqueles que possuem alguma deficiência como a auditivas esses são alvos de exclusão ou de uma inclusão que os coloca no meio social, mas que não promova o envolvimento de todas as pessoas, principalmente dos ouvintes com os surdos. Desta forma, o presente estudo concentra-se na temática da inclusão. Delimita-se em analisar as barreiras enfrentadas nas relações sociais no ambiente escolar. Sendo assim, esta pesquisa intitulada.

As barreiras que a criança surda enfrenta nas relações sociais no ambiente escolar e tem como objetivo geral analisar as barreiras que a criança surda encontra nas relações sociais dentro do ambiente escolar. Além do objetivo geral, temos também os específicos: Identificar quais são as dificuldades que as crianças surdas encontram no dia a dia nas relações com os demais colegas da turma; Conhecer como se dá a relação da criança surda com os demais ouvintes dentro do espaço escolar e desenvolver um relato histórico da Libras como ferramenta de inserção social e valorização da pessoa surda. Para alcançarmos tais objetivos, partimos da seguinte questão problema: quais as barreiras que a criança surda enfrenta nas relações sociais dentro do espaço escolar?

Partindo deste problema, temos como hipótese: As dificuldades nas relações entre surdos e ouvintes, poderiam ser minimizadas se a disciplina Língua Brasileira de Sinais - Libras fosse incluída na matriz curricular da Educação Básica, pois se os alunos

ouvintes pudessem aprender a se comunicar com os surdos provavelmente não existiriam diferenças entre surdos e ouvintes.

O espaço escolar torna-se propício para a observação da discriminação ou aceitação das diferenças. É nesse espaço que os conflitos nas relações são visivelmente perceptíveis. E nesse sentido, esta pesquisa justifica-se por analisar as barreiras que as crianças surdas enfrentam nas relações sociais no âmbito escolar, tendo em vista que este deve ser um grande desafio para educandos e educadores à convivência com o diferente, o respeito por aqueles que fisicamente por problemas auditivos nascidos ou não com eles tem os mesmos direitos que as pessoas ouvintes de viverem e conviverem em sociedade.

Para a construção desta pesquisa, foi realizada uma pesquisa bibliográfica sobre o tema a importância da inclusão da LIBRAS do contexto escolar, sendo assim, essa pesquisa será de grande relevância para todos os envolvidos no contexto escolar, pois, contribuirá com a tomada de decisão e organização de atividades que venham a transformar a convivência entre alunos surdos e ouvintes tornando o ambiente escolar um espaço de inclusão onde as diferenças não serão empecilhos para a boa convivência.

¹Graduada em Pedagogia na UNOPAR – Universidade Norte do Paraná.

²Graduada em Pedagogia na UNEMAT – Universidade do Estado de Mato Grosso.

³Graduada em Matemática na UNIC – Universidade de Cuiabá.

⁴Graduada em Pedagogia na Ulbra – Universidade Luterana do Brasil.

⁵Graduada em Pedagogia na Ulbra – Universidade Luterana do Brasil.

⁶Graduando em Matemática na UNOPAR – Universidade Norte do Paraná.

⁷Graduado em Geografia na UNEMAT – Universidade do Estado de Mato Grosso.

1 DESENVOLVIMENTO

As crianças com necessidades especiais há poucas décadas que vieram a ser vista como parte da sociedade, ou seja ser incluída como pessoas dotada com direitos e deveres, como qualquer cidadão, pois percorreram um caminho de perseguição para sua exclusão, devido a mentalidades de uma sociedade preconceituosa e às vezes são tratadas de forma discriminadas até mesmo pelas suas famílias.

A inclusão das crianças especiais vem ganhando força através de movimentos diversificados, longos e complexos, mas com resultado de uma visão transformadora, tendo em vista a inclusão da criança especial, um desses movimentos que deu início a essa luta foi a DECLARAÇÃO DE SALAMANCA. Um Trecho que diz:

Sobre Princípios, Políticas e Práticas na Área das Necessidades Educativas Especiais - O texto, que não tem efeito de lei, diz que também devem receber atendimento especializado crianças excluídas da escola por motivos como trabalho infantil e abuso sexual. As que têm deficiências graves devem ser atendidas no mesmo ambiente de ensino que todas as demais. (DECLARAÇÃO DE SALAMANCA 1994).

Os movimentos foram crescendo recebendo apoio pelas legislações e políticas, mas ainda se faz necessários colocar em prática ou seja fazer cumprir-se. Como por exemplo a Lei Nº 10.436 de 24 de abril de 2002, Dispõe Sobre a Língua Brasileira de Sinais, que diz:

Art.1º-A Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) será um componente curricular obrigatório nos cursos de formação de professores para o exercício do magistério, em nível médio e superior, e nos cursos de fonoaudiologia, de instituições de ensino públicos ou privados, do sistema federal de ensino.

Ao observarmos as conquistas dos movimentos este estudo terá como objetivo analisar as barreiras encontradas pelas crianças surdas nas relações sociais dentro do ambiente escolar, pois os caminhos pedagógicos para inclusão é fundamental na diferenciação dos seres humanos e sua singularidade de transformação para melhor ou para pior.

Reconhecer a diversidade é um grande desafio de todo cidadão. É preciso investir na superação da discriminação e do preconceito, conforme corrobora o autor:

A ciência das diferenças vem como instrumento de construção do saber, da aprendizagem de que as regras de espaço público permitem a coexistência, em igualdade, dos diferentes. Precisamos entender que o trabalho com pluralidade cultural se dá a cada instante, e constrói conjuntamente uma cultura de paz, baseada na tolerância, no respeito aos direitos humanos e na noção de cidadania compartilhada por todos (BRANDÃO, 2005, p. 62).

A pluralidade cultural é de fato uma realidade em nosso país. Vivemos em um país extremamente plural e de uma diversidade cultural imensa, é necessário que haja a construção de uma cultura da paz. Onde as diferenças não sejam vistas como formas de promover a discriminação e a exclusão. É necessário nos desfazermos dos nossos

preconceitos e preconceitos, não podemos mais aceitar que uma pessoa deficiente seja vista como coitadinho,

“A imagem que se tem é de um ceguinho mal vestido vendendo bilhetes de loteria, ou aquela pessoa em uma cadeira de rodas na rua sendo empurrada por um acompanhante; há aquela de muletas entrando pela porta da frente de um ônibus coletivo; ou aquela pessoa com deficiência mental, a que todos chamam por termos pejorativos. Existem ainda, nas lembranças de populares, aquelas pessoas que consideradas normais e que de repente desandaram num desequilíbrio mental ou psíquico, sendo taxadas de loucas. Ou então as pessoas conhecidas que sofrem acidentes – geralmente automobilísticos – e ficam confinadas a uma cadeira de rodas ou a outros aparelhos ortopédicos” (ALVES, 2002, p. 95).

O preconceito ou os pré-conceitos que carregamos diariamente geram problemas que fogem de nosso controle. Temos que entender que uma pessoa que tem uma deficiência com a qual nasceu ou adquiriu no decorrer da vida é digna de respeito como qualquer pessoa considerada normal. É preciso tomar cuidado com a maneira como vemos o outro. Pois, as vezes estamos fazendo com que pessoas com deficiência que foram incluídas no meio social, principalmente no ambiente escolar se sintam extremamente excluído. Infelizmente, a exclusão ocorre no ambiente escolar, principalmente no espaço da sala de aula. Na maioria das vezes o professor e os alunos ouvintes não conseguem perceber a presença do aluno surdo naquele espaço.

Segundo Amaral (1995, p.35) “o preconceito nada mais é que uma atitude favorável ou desfavorável, positiva ou negativa, anterior a qualquer conhecimento”. O preconceito faz com que muitas pessoas surdas não queiram adentrar ao espaço do ensino regular. Eles e suas famílias temem passar por situações conflituosas e constrangedoras.

Houve um período da história em que a Igreja Católica reconhecia aqueles que nasciam deficientes como possuídos pelo demônio e representantes do mal e para se “proteger” quanto àqueles que apresentassem uma ameaça, perseguiu e mutilou muitos cristãos, surgindo assim um grande número de deficientes:

Com estes e outros acontecimentos, questões religiosas fizeram com que parte do Clero se rebelasse contra a Igreja, surgindo assim a Reforma Protestante. Nessa nova filosofia religiosa, os deficientes eram vistos como escolhidos por Deus para pagar os pecados da humanidade (MAZZOTA, 2003, p. 65).

Nesse período da história a pessoa que nascia com uma deficiência era vista como pecadora. Pois, estava pagando algum pecado por isso tinha uma deficiência. Felizmente

esse período e esse pensamento passaram e desde então muitas mudanças ocorreram. Finalmente foram criadas várias legislações que garantem direitos àqueles que possuem alguma deficiência.

Nos últimos anos importantes alterações e mudanças estão ocorrendo na conceituação da Educação Especial, as quais estão gerando novos enfoques educativos em muitas partes do mundo:

Falar de necessidades educacionais especiais implica enfatizar aquilo que a escola pode fazer para compensar as dificuldades do/a aluno/a, já que, neste enfoque, entende-se que as dificuldades para aprender têm um caráter interativo e dependem não apenas das limitações dos/as alunos/as, mas também da condição educacional que lhe é oferecida. (UNESCO, 1994, p.40).

A escola precisa ser o espaço onde a inclusão aconteça de forma correta. É preciso que haja respeito pelas diferenças. Um lugar onde todos tenham direito de ter acesso ao conhecimento. Esse conhecimento tem que ser eficiente e o surdo precisa interagir com outros grupos de surdos e ouvintes. As pessoas ouvintes precisam se comunicar com os surdos e vice e versa através da língua de sinais.

As pessoas surdas durante muito tempo não tinham seus direitos respeitados. Às vezes nem eram vistas como seres humanos dotados de capacidades e sentimentos. Conforme esta autora:

Os surdos não eram bem aceitos pelas suas famílias e nem pela sociedade, vivendo à margem, não frequentando as reuniões familiares, os jantares, e nem os bailes da época. Geralmente moravam nas casas dos fundos dos castelos e eram criados por amas de leite. (HONORA, 2014, p.50).

Podemos perceber que as pessoas surdas eram discriminadas até mesmo pelas suas famílias, que dirá pela sociedade. As famílias sentiam vergonha e escondiam seus filhos surdos para que ninguém soubesse de suas existências.

A ignorância das épocas anteriores, devido à falta de conhecimento científico e humano com as pessoas com necessidade especial era de total abominação e falta de sensibilidade ao ponto da família matar as crianças que apresenta-se com algum problema físico ou mental. Como exemplo povo de Atenas e Esparta grego que cultuava a beleza física de forma, que uma pessoa que apresenta-se abaixo porte atlético ou seja considerado abaixo da beleza da época, eram lançados em rochedos como se fossem

descartável, mediando assim a subtração de tantos inocentes que não tinha alguém que os defendia.

Em Esparta e Atenas crianças com deficiências física, sensorial e mental eram Consideradas subumanas, o que legitimava sua eliminação e abandono. Tal prática Era coerente com os ideais atléticos, de beleza e classistas que serviam de base à organização sociocultural desses dois locais. Em Esparta eram lançados do alto dos rochedos e em Atenas eram rejeitados e abandonados nas praças públicas ou nos campos. (MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO SECRETARIA DE EDUCAÇÃOESPECIAL, 2008, p.7)

Os surdos sofriam uma extrema discriminação e abandono. O abandono era tanto, que as famílias deixavam seus filhos serem cuidados por suas amas de leite. Negando-lhes o direito de conviverem com os seus.

Agora pensemos como essas crianças ou pessoas viviam se quando, nos dias atuais a afetividade é algo que soma no caráter no desenvolvimento de qualquer pessoa dita normal, imagina para as pessoas com necessidades especiais, a afetividade, amor é a soma para uma sobrevivida melhor e educação,

Segundo ARANTES:

“Os sentimentos, as emoções e os valores devem ser encarados como objetos de conhecimento, posto que tomar consciência, expressar e controlar os próprios sentimentos talvez seja um dos aspectos mais difíceis na resolução de conflitos. Por outro lado, a educação da afetividade pode levar as pessoas a se conhecer e a compreender melhor suas próprias emoções e as das pessoas com quem interagem no dia-a-dia”. (ARANTES, 2002, p. 172).

Mas como tudo evolui e amadurece com os movimentos a pessoa portado de necessidades especiais vem ganhando espaço e direito e reconhecimento de cidadão dentro e fora de seu âmbito familiar, tendo em vista a convivência ser vista de maneira diferentes, pois a maiores lutas do mesmo foi aceitação de sua diferença na família para sociedade. A declaração de Salamanca (1994) afirma que:

“Toda criança possui características, interesses, habilidades e necessidades de aprendizagem que são únicas”.

As pessoas ouvintes possuem algumas vantagens em relação aos surdos. Pois, são geradas em famílias ouvintes e frequentam escolas que falam a sua mesma língua. Já os surdos, as vezes nascem em famílias ouvintes e que começam a gesticular para tentar a comunicação. Quando crescem e chega o tempo de ir para a escola, não

conseguem se comunicar pois a escola utiliza a linguagem oral. Lodi e Lacerda (2010, p. 14), observam que:

Desde cedo, a criança ouvinte tem a oportunidade de conviver com a língua utilizada pela sua família. O interlocutor adulto colabora para que a linguagem da criança flua, oportunizando atitudes discursivas que favorecem o desenvolvimento e a apropriação de aspectos socioculturais e linguísticos importantes as crianças surdas, em geral, não têm possibilidades para esse/a desenvolvimento/apropriação, já que na maioria das vezes não têm acesso à língua utilizada por seus pais (ouvintes).

A língua de sinais é uma forma de inclusão das pessoas surdas com as ouvintes. As famílias de crianças surdas precisam lutar para que a língua de sinais se torne obrigatória nos espaços escolares. Pois, desta forma muitos dos conflitos, angústias, discriminação e preconceitos que ocorrem entre ouvintes e surdos poderiam ser minimizados.

Os surdos desejam serem reconhecidos e isso faz com se unam em comunidades surdas para poderem se comunicar com seus pares. É comum nos depararmos com grupos de surdos num ritmo frenético de extrema comunicação. Observemos a citação que diz que, as línguas de sinais são:

[...] sistemas linguísticos que passaram de geração em geração de pessoas surdas. São línguas que não derivam das línguas orais, mas fluíram de uma necessidade natural de comunicação entre pessoas que não utilizam o canal auditivo-oral, mas o canal espaço-visual como modalidade linguística. (QUADROS, 1997, p.47)

É urgente que a língua de sinais (Libras) seja implantada na matriz curricular da Educação Básica. Precisamos aprender a língua de sinais para nos comunicarmos com as pessoas surdas que possuem os mesmos direitos educacionais que aqueles que não possuem nenhuma deficiência.

A lei 10.436 nos media esse direito, como está descrito no Artigo 4º:

“O sistema educacional federal e os sistemas educacionais estaduais, municipais e do Distrito Federal devem garantir a inclusão nos cursos de formação de Educação Especial, de Fonoaudiologia e de Magistério, em seus níveis médio e superior, do ensino da Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS), como parte integrante dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), conforme legislação vigente”.

Devido a lei já clara, se faz necessário a aplicação financeira por parte dos meios governamentais visando a adaptação para acessibilidade não somente do espaço escolar físico, mas também profissionais capacitados pronto para receber qualquer pessoa com necessidade especiais.

A realidade das escolas pública está longe de estar aptas para receber a criança surda, devido a falta de profissionais na área de língua brasileira de sinais, pois ainda há grandes barreiras para uma educação de qualidade para receber o mesmo. A dificuldade da criança de adaptação a inclusão com crianças ouvintes, vem recheada de preconceito, falta de proposta pedagógicas, quebra de rotina do processo de ensino as incerteza e tantas e tantas angustias e barreiras a serem quebrados, como garantir um inclusão de qualidade,

De acordo com Brandão e Vieira (1992, p.45) eles destacam que:

“O termo aprendizagem e suas implicações (dificuldades e distúrbios) tratam de uma defasagem entre o desempenho real e o observável de uma criança e o que é esperado dela quando é comparada com a média das crianças de uma mesma faixa etária, tanto no aspecto cognitivo como em uma visão psicométrica.

Acreditamos que as barreiras que as crianças surdas enfrentam nas relações sociais no ambiente escolar podem ser amenizadas e melhoradas com a aquisição da língua de sinais pelos ouvintes e surdos. A escola é o espaço propício para que as relações humanas aconteçam de forma respeitosa e harmoniosa.

2 CONCLUSÃO

A luta pela inclusão dos alunos com necessidades especiais dentro do ambiente escolar tem se fortalecido com o passar do tempo. A Educação Inclusiva descreve um ajuste pela igualdade e a não discriminação ao certificar para todos, igualmente, o acesso à educação, à participação e à igualdade de deveres e direitos, diminuindo diferenças e colaborando para a eliminação dos preconceitos. Esse é um método que se desenvolverá

a partir de desafios a fim de satisfazer as necessidades de aprendizagem de todos os educandos.

O presente trabalho de pesquisa teve como objetivo investigar as dificuldades da inclusão dos alunos surdos dentro do ambiente escolar visando uns dos problemas enfrentados é a formação dos professores na disciplina de Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS), para atuar na educação inclusiva, sendo que desta disciplina atualmente ser obrigatória na grade curricular das instituições de ensino de nível superior a carga horária estipulada não é o suficiente para os docentes ter domínio da língua para facilitar o processo de ensino e aprendizado dos alunos surdos no contexto acadêmico.

No entanto, sabe-se que a inclusão de alunos surdos dentro do ambiente escolar é fundamental para sociedade, pois facilita o aprendizado, a inclusão, a comunicação e a socialização desses alunos com o meio em que vivem. Diante disso foi analisado que a falta de uma formação de qualidade voltada para o ensino da Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) para os docentes muitas vezes acabam dificultando a matrícula e até mesmo a permanência dos indivíduos surdos dentro das instituições de ensino. Visto que, a educação inclusiva é um processo contínuo e dinâmico, que implica a participação de todos os envolvidos, inclusive do próprio educando e de um bom profissional habilitado no processo de ensino. Uma das barreiras encontrada dentro da inclusão é a adaptação curricular dos conteúdos para esses alunos surdos dentro das escolas.

O ensino de Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS), nos cursos de graduação ou de formação continuada, precisa ser de qualidade para que o professor seja capaz de dominar os sinais e possa ensinar ao aluno surdo com segurança, por isso que, é importante que os docente saibam a língua de sinais, de modo a poder interagir de maneira clara com o seus alunos. Desse modo, se faz necessário refletir sobre a importância da Libras para a qualificação e formação docente, considerando as dificuldades dos educadores enfrentadas após a formação acadêmica no atendimento dos alunos surdos.

Por fim, conclui-se este estudo procurando sempre refletir sobre os problemas implicados em experiências de inclusão de alunos, sobretudo, os surdos e também na qualidade da formação dos docentes no ensino da Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS).

Portanto, visto que, atualmente um dos maiores desafios que a escola enfrenta é a formação dos docente no ensino da Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS,) mesmo

sabendo que a inclusão desses educandos surdos dentro da escola é muito importante não só para a comunidade surda mais sim para toda sociedade em geral.

REFERÊNCIAS

ALVES, Fátima. **Inclusão: muitos olhares, vários caminhos e um grande desafio**. Rio de Janeiro: WAK, 2003.

AMARAL, Lígia. A. (1995). **Conhecendo a deficiência** (em companhia de Hércules). São Paulo, Robe Editorial.

BRANDÃO, Sérgio Vieira. **A ciência das diferenças: a diversidade no ambiente escolar** Sérgio Vieira Brandão. São Paulo: Paulinas, 2005. (Coleção Educação e Cidadania).

BRANDÃO, A. VIEIRA, C. **Definições e indefinições da aprendizagem**. São Paulo: Summus, 1992.

DECLARAÇÃO DE SALAMANCA. **Enquadramento da Ação: Necessidades Educativas Especiais**. In: Conferência Mundial sobre NEE: Acesso e Qualidade Unesco. Salamanca/Espanha: Unesco, 1994.

HONORA, Márcia. **Inclusão educacional de alunos com surdez: concepção e alfabetização**. São Paulo: Cortez, 2014.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO SECRETARIA DE EDUCAÇÃO ESPECIAL. **Educação ESPECIAL: história, Etiologia, Conceitos e Legislação vigente**. Baauru, 2008. Disponível em: <http://www2.fc.unesp.br/educacaoespecial/material/livro2.pdf>.

LODI, Ana Claudia B; LACERDA, Cristina B.F. de (Orgs). **Uma escola, duas línguas: letramento em língua portuguesa e língua de sinais nas etapas iniciais de escolarização**. Porto Alegre: Mediação, 2010.

ARANTES, V. A.: A afetividade no cenário da educação. In: OLIVEIRA, M. K. de, SOUZA, D. T. R., REGO, T. C. (Orgs.): **Psicologia, Educação e as temáticas da vida contemporânea**. São Paulo: Moderna, 2002.

MAZZOTA, Marcos José Silveira. **Educação Especial no Brasil: História e políticas públicas**. 4.^a.ed. São Paulo: Cortez, 2003.

QUADROS, Ronice Muller de. **Educação de surdos: a aquisição da linguagem**. Porto Alegre: Artmed, 1997.

Resolução nº02 de 11 de setembro de 2001. Brasília, DF; Conselho Nacional de Educação, Câmara de Educação Básica, 2001. Institui **Diretrizes Nacionais para Educação Especial na Educação Básica**. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/diretrizes.pdf>. Acesso em 20/05/2020.